

O HUMOR NAS “BALAS DE ESTALO”**Luciana MEDEIROS**

Pretende-se aqui divulgar o humor da coluna de crônicas “Balas de estalo”, que foi publicada diariamente, de 3 de abril de 1883 a 31 de dezembro de 1886, no periódico carioca *Gazeta de Notícias*.

Essa primeira série das “Balas de estalo” é composta de 947 textos que foram assinados por 22 pseudônimos diferentes. Dentre os colaboradores estariam Ferreira de Araújo, diretor da *Gazeta*, Henriques Chaves, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu e Machado de Assis. Alguns pseudônimos, porém, ainda não foram identificados.

A coluna mostrou-se, em toda sua ocorrência, muito divertida e bem humorada. O humor, ali, pelo que nos indicam os próprios cronistas, era característica pré-estabelecida. O pseudônimo Décio, em crônica de 1º de janeiro de 1884, agradece aos leitores da *Gazeta* da seguinte maneira:

Antes de tudo, agradecemos ao público amante da fina literatura humorística o apreço que tem dado a estas balas.¹

Décio, além de reconhecer a importância literária da seção, caracteriza-a como “literatura humorística”. Percebemos, então, que o humor não era ocasional. Alguns cronistas chegavam mesmo a reclamar da imposição do humor.

Exemplificaremos, a partir de agora, o humor nas “Balas de estalo”; para isso nos utilizaremos dos textos que satirizam o imperador d. Pedro II e fazem parte do *corpus* de um projeto de pesquisa em desenvolvimento.

Iniciemos com a crônica de 3 de maio de 1883, assinada pelo pseudônimo Décio. Na crônica é transcrita uma suposta Fala do Trono que o imperador pronunciaria na abertura da sessão parlamentar. A seguir apresentamos um trecho do encerramento dessa Fala.

Augustos representantes. Eu quisera continuar; se o meu calção apertado, que o corpo traz arrojado, me permitisse falar! Mas eu não posso sequer à vontade caminhar e se um esforço eu fizer, ele, o calção desalmado, é capaz de arrebentar. Assim, pois, em bem da pátria e exigências do calção, eu declaro aos circunstantes, augustos representantes, que está aberta a sessão.²

Nessa passagem, o imperador é ridicularizado em dois aspectos; primeiro, porque jamais exporia ao público um problema tão pessoal como o do calção apertado e, segundo, porque, como se nota, não só nesse trecho como em toda a suposta Fala do Trono, o texto

está repleto de rimas, o que não condiz com o pronunciamento de uma autoridade como aquela. O cronista provavelmente utilizou-se desse artifício para aludir indiretamente à grande dedicação do monarca às artes.

É também digna de destaque a crônica de 10 de março de 1885, assinada pelo pseudônimo Lulu Sênior, pertencente a Ferreira de Araújo. O cronista inicia dizendo que não assistiu à abertura da seção parlamentar; em seguida, declara sentir pena por não ter ido, pois lhe parecia que tinha sido “obra asseada e muito para se ver”, mas esclarece aos leitores que não vai falar dos papos de tucano do imperador, das meias de seda, do cetro e nem do *pince-nez*.

Durante a crônica toda, ele explica porque não vai falar dessas coisas:

Não falo, porque não aprecio aquele gênero de arte. Gosto de um quadro, de uma estátua, aprecio uma boa mobília, gosto de bonitos estofos, mas confesso que os papos de tucano deixam-me frio.

Com franqueza, embora me não acreditem, confesso que, se me emprestarem aquela roupa, com manto e coroa e tudo, e me dessem um bom par de contos de réis, com a condição de sair eu assim vestido em bando precatório, palavra que não aceitava.

.....
Questão simplesmente de gosto. Ao que parece, o nosso sábio monarca gosta de vir assim, de vez em quando, desde S. Cristóvão até a rua do Areal, para gáudio e júbilo dos povos da Cidade Nova; Sua Majestade acha que aquilo lhe fica bem, que aquele traje pitoresco é majestoso; está no seu direito, porque isto de gostos não se discute.

Se eu até conheço um genro que gosta de sogra, mesmo por ela ser sogra!

.....
Portanto, também não falarei das meias de seda, que expõem a reumatismos as pernas imperiais; nem figurarei a hipótese de se romperem, um dia, em sessão solene, à vista da representação nacional e do corpo diplomático.³

É interessante observarmos a maneira humorística pela qual Lulu Sênior ridiculariza o imperador por seus trajes majestáticos. Percebemos, também, que aquilo que não seria abordado, acaba sendo assunto da crônica. Nota-se, portanto, a utilização da figura de linguagem *preterição*, que consiste em afirmar que se não vai dizer algo e, ao mesmo tempo, dizer-se.

Os escritores das “Balas de estalo” faziam também falsas declarações de veneração ao monarca. É o que ocorre na crônica de 18 de julho de 1883, na qual Lulu Sênior afirma, ironicamente, que todos os colaboradores da “Balas” estariam se preparando para regozijar-se em S. Cristóvão, indo cumprimentar o imperador que, no dia seguinte, receberia as pessoas que o fossem cumprimentar, devido ao aniversário natalício do príncipe conde D’Áquila:

Isto parece-me modesto de mais. Cumprimentar assim em família pelo fausto motivo do aniversário natalício do nosso mais caro príncipe, é preciso confessar que é ridiculamente pouco. Salvo se todo o Rio de Janeiro, ou mesmo todo o Brasil for amanhã a S. Cristóvão regozijar-se. Nós cá de casa vamos todos de súcia. Públícola já mandou deitar uma gola nova na casaca velha; Lélio resolveu deitar abaixo a barba, para ficar mais elegante; eu vou deitar colete, para disfarçar a proeminência abdominal; Zig-Zag há já três dias que não arranca o bigode; José do Egito toma gemadas, porque quer falar grosso ao rei; Blick comprou uns óculos, para ver melhor os esplendores da realeza; e Décio mandou fazer uns sapatos de tacão alto, para fazer crer que já foi declarado maior.⁴

Notemos a maneira irônica através da qual Lulu Sênior mostra a suposta preparação dele e de seus colegas para a visita ao imperador.

Destacamos agora a crônica de 17 de abril de 1884, também de Lulu Sênior, na qual se alude às sonecas do imperador:

À vista de tal sucesso, eu também quero deitar elegância, e vou dar notícias aos meus leitores, do Sr. bispo Lacerda. S. Ex. pregou durante a semana santa, na capela imperial, em presença de Sua Majestade o Imperador, e parece que lhas pregou mesmo na bochecha. Não lho mandou dizer pelo correio, nem em mofinas anônimas; foi ali, diante de Deus e de todo o mundo, que lhe impôs a penitência. Dizem que o monarca teve de fazer o que faz no teatro: — deitar a bela da soneca, para dar a entender que tanto se lhe dá como se lhe deu.⁵

Temos, no início do trecho acima, uma referência à assinatura do monarca para referendar o decreto da conversão dos bens das ordens religiosas; foi por tratar desse assunto, que o bispo teria “pregado na bochecha” do imperador, ou seja, teria dito a ele algumas verdades. Mas, temos, também, a alusão a um outro fato — às sonecas do imperador em lugares públicos, que se tornaram freqüentes no final do Império brasileiro. Comentando publicamente essas sonecas, o cronista colocava d. Pedro numa situação cômica.

Outro exemplo dessa alusão às sonecas é retirado da crônica de 21 de agosto de 1883, através da qual o pseudônimo Públícola comenta a presença do imperador numa conferência da Exposição Pedagógica na Tipografia Nacional.

Domingo foi S. M. o Imperador assistir a uma conferência da exposição Pedagógica na tipografia Nacional. Dizem os noticiários que Sua Majestade apreciou muito a conferência, aplaudiu-a muitíssimo, e fez os maiores elogios ao

orador, realmente orgulhoso e lisonjeado por tantas provas de consideração e apreço tão sinceras quanto imperiais.

Também assistimos a essa conferência, e vimos qual o modo por que Sua Majestade afere o mérito dos oradores, e quanto entusiasmo deita por eles quando eles sabem tocar na sua imperial corda sensível.

Sua Majestade ao terminar tal conferência estava alacremenente comovido, risonhamente impressionado: é que não lhe fizera diferença a mutação do cenário nem a variedade da situação.

Sua Majestade dormira convictamente durante uma hora — todo o tempo da conferência.⁶

Um outro texto de Públicola também é digno de destaque; trata-se da crônica do dia 12 de junho de 1883, na qual o cronista questiona o fato de que o imperador não iria à cidade de Campos assistir à inauguração da luz elétrica.

Decidiu Sua Majestade que não irá a Campos assistir à exposição da luz elétrica, por não lhe ser possível sair da corte este mês.

Oh! Oh! O caso é para refletir!

Sua Majestade terá alguma ocupação especial, além da de visitar o colégio de Pedro II, receber ovações e imigrantes na ilha das Flores, provar o rancho das praças nos quartéis, fazer e desfazer ministérios, dormir de dia aos domingos, nas conferências da Glória e à noite, nos dias úteis, nos espetáculos do Pedro II?

Qual será o trabalho particular que inibe Sua Majestade de ir animar com sua presença a festa da rainha das cidades da província do Rio?

Sua Majestade não terá coragem de deixar esta geringonça, exclusivamente nas mãos do Sr. Lafayette, mesmo durante três dias apenas, ou receia perder o bailado *Excelsior* que deve ser exibido na mesma época daquela inauguração?

Se não é isto, se não é aquilo; o que será então?⁷

Vemos o cronista ridicularizar humoristicamente o monarca, pelos seus afazeres, muito mais ligados ao lazer do que à política.

Algumas das sátiras eram constituídas, em parte, de diálogos. Os cronistas apresentavam-nos, na maioria dos casos, como diálogos verídicos, ocorridos entre o imperador e outros políticos importantes. Mas torna-se fácil perceber, pela construção, que se tratava de gracejos do cronista.

Em quase todos os diálogos, o imperador aparece desinteressado em relação ao assunto tratado, e sempre interrompendo seu interlocutor com a afirmação “Já sei, já sei”. É o que podemos perceber na crônica de 31 de dezembro de 1884, assinada por Confúcio.

Mas afinal o que esteve o Sr. conselheiro Dantas a dizer durante duas horas a Sua Majestade, em Petrópolis?

.....

Ora vejam! Um caso tão simples, tão simples, tão simples, que até não passa de... de muito simples!

O caso foi este:

O Sr. presidente do conselho teve em primeiro lugar de explicar a sua ida a Petrópolis.

— Saberá Vossa Majestade....

— Já sei, já sei! O calor lá por baixo....

— Sim, o calor é enorme; mas V. Majestade sabe depois destas discussões da imprensa, que foram muitas e depois de todos os relatórios dos delegados que foram muitíssimos, aconteceu que...

— Já sei; que afinal encontrou-se o verdadeiro cadáver do legítimo Malta?

— Perdoe-me, Vossa Majestade, mas não é isso.

— Ah! Já sei. É que o homem não está morto.

— Nem isso. É que o Sr. chefe de polícia, depois de estar terminada a questão para a sua repartição, resolveu...

— Já sei; resolveu cuidar de outra coisa?

— Perdoe-me, V. Majestade, não é isso. Resolveu pedir demissão do seu cargo.

O diálogo assim continua e, quando Dantas consegue explicar o porquê da visita, o imperador diz:

— A mais tempo... isto é, a mais tempo me devia ter dito isso.

— V. Majestade examinará a questão, e decidirá do melhor modo.

— Já sei. Os senhores arranjem como quiserem e decidam como entenderem. Quanto ao novo chefe, vejam que seja capaz.

— !!!⁸

Confúcio coloca o imperador numa situação ridícula com seu “Já sei, já sei”, uma expressão que, segundo Pedro Calmon na obra *Rei filósofo: vida de d. Pedro II^o*, era comum nas respostas do monarca quando já sabia ou não lhe interessava o assunto de que tratava o interlocutor.

O pseudônimo José Tesourinha comenta, no dia 6 de outubro de 1883, os resultados da prestidigitação aplicados à política.

Ninguém ainda havia calculado com tão bons fundamentos os resultados da prestidigitação aplicada à política.

Esta descoberta estava guardada para o atual governo.

A primeira sorte desta série de experiências coube ao Sr. Maciel Antunes.

S. Ex. pegou delicadamente no decreto alfundegando a briosa e invencível cidade de Pelotas. Chamou os eleitores, deu duas voltas com o decreto, mostrando-lho pelo direito e pelo avesso.

Meus senhores, disse, aqui está o decreto, é um verdadeiro decreto, podem ver, apalpem; eu gosto das dificuldades. Venham os votos e o decreto passará. Um ... dois... três... passe.

Os votos vieram e o decreto passou.

O excelente resultado desta delicada sorte de *escamoteação* animou o governo de S. M. o Imperador a contratar por algum tempo os célebres prestidigitadores Hermann, Patrizio e Bosco, com o fim de propagarem pelo público fluminense a maravilha em que são tão distintos.

Hermann tem tomado a sério a sua missão.

Ainda não estreou ostensivamente, e já fez escola.

As escamoteações sucedem-se com uma limpeza extraordinária.

.....
No cassino, Hermann foi apresentado a S. M. o Imperador.

Trocados os cumprimentos do estilo, Hermann empalmou o relógio imperial. Sua Majestade riu muito com a pilhéria. Depois chamou-o à parte, ao lado, e perguntou-lhe baixinho:

— Pode empalmar a escravidão ao Brasil?

Hermann, com a maior gentileza, respondeu:

— Não sou Imperador, meu senhor.

Sua Majestade ainda riu muito com a resposta; mas com um riso um pouco amarelado.¹⁰

Mais uma vez o humor é utilizado para ridicularizar o monarca, desta vez, por uma das questões mais polêmicas do Império, a escravidão.

Finalmente, apresento um trecho retirado da crônica do dia 20 de setembro de 1884, de Lulu Sênior.

Sua Majestade o Imperador tomou um banho.

Isto assim nu — nu é isto, o monarca estava vestido — parece uma notícia, um acontecimento extraordinário; rezam, porém, as crônicas, que o Imperador toma o seu banho frio todas as manhãs, e que de vez em quando, no Cajú, leva a fina pele a retemperar-se no salso elemento. A Musa da monarquia não é como a outra.

O banho a que me refiro foi um extra. Aconteceu a S. M., o que pode acontecer a qualquer fraco mortal: faltou-lhe o pé, e *ti-bum!* foi ver ao fundo d'água se o seu relógio estava certo.

À noite, S. M. o Imperador assistiu ao espetáculo no teatro Lucinda, para mostrar que a queda da monarquia não tinha sido coisa de cuidado.¹¹

O cronista alude aqui a um fato verídico. O imperador, no dia anterior, sofrera uma queda quando desembarcava de uma lancha a vapor no arsenal da marinha. Ao colocar o pé em terra, perdeu o equilíbrio e caiu ao mar, ficando entre o cais e a lancha.

Essa maneira divertida de produção dos textos foi, provavelmente, um dos fatores responsáveis pelo sucesso da coluna que se manteve diariamente no periódico por quase 3 anos e, ainda, reapareceu em dois outros períodos posteriores, de 3 de agosto de 1898 a 25 de junho de 1899 e de 22 de setembro de 1903 a 4 de outubro de 1904.

O estudo dessas sátiras torna-se importante porque, além de serem interessantes textos literários, carregados de humor e ironia, servem também como documentos históricos,

através dos quais podemos conhecer um pouco mais do imperador d. Pedro II e das questões políticas e sociais que o envolviam.

Notas

-
- ¹ DÉCIO. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º jan. 1884. p. 2, 5-6 col.
 - ² DÉCIO. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 mai. 1883. p. 2, 1-3 col.
 - ³ SÊNIOR, Lulu. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 mar. 1885. p. 2, 4 col.
 - ⁴ SÊNIOR, Lulu. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1883. p. 2, 6-7 col.
 - ⁵ SÊNIOR, Lulu. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 abr. 1884. p. 2, 6-7 col.
 - ⁶ PUBLÍCOLA. Balas de estalo. A cena do júri. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 ag. 1883. p. 2, 4-5 col.
 - ⁷ PUBLÍCOLA. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1883. p. 2, 5 col.
 - ⁸ CONFÚCIO. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 dez. 1884. p. 2, 4-5 col.
 - ⁹ CALMON. Pedro. Rei filósofo: vida de d. Pedro II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
 - ¹⁰ TESOURINHA, José. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 out. 1883. p. 2, 5 col.
 - ¹¹ SÊNIOR, Lulu. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 set. 1884. p. 2, 6 col.